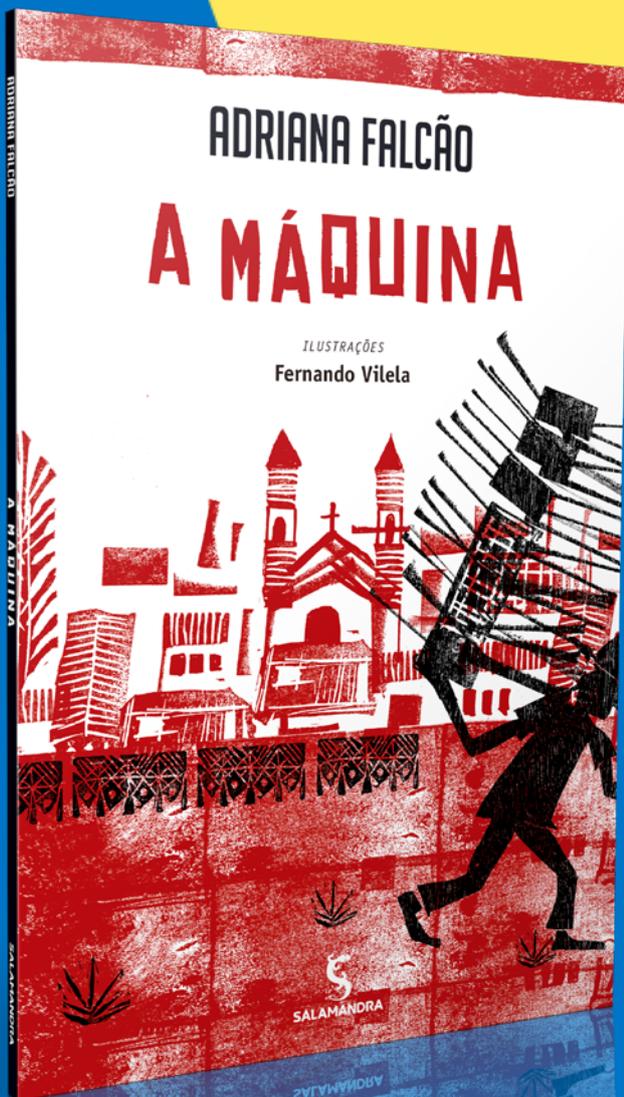


MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

A MÁQUINA

ADRIANA FALCÃO

ELABORAÇÃO E ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA
MARIA JOSÉ NÓBREGA
E SAMIR THOMAZ




SALAMANDRA

SUMÁRIO

Carta ao Professor, **3**

Propostas de atividades 1, **8**

Propostas de atividades 2, **16**

Aprofundamento, **25**

Sugestões de referências complementares, **37**

Bibliografia comentada, **43**



CARTA AO PROFESSOR

3

Querida professora, querido professor,

*Neste manual, oferecemos a você muitas sugestões para apoiá-lo em seu trabalho na mediação de leitura de **A máquina**. A finalidade primordial destas propostas é estabelecer um intenso diálogo com a obra, visando à compreensão de seu funcionamento e à interpretação de seus efeitos.*

Em conformidade com a BNCC – Base Nacional Comum Curricular, a organização deste manual permite diferentes níveis de aprofundamento em relação às competências e habilidades estabelecidas pelo documento, bem como a articulação com diferentes áreas e seus componentes curriculares. Em função do tempo didático disponível e das possibilidades de planejamento possíveis em cada unidade escolar, é possível elaborar seu planejamento e adicionar seu tempero didático de modo a construir o roteiro mais adequado às necessidades de seus estudantes.

Boa leitura e sucesso em seu trabalho!



ÁRVORES E TEMPO DE LEITURA

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?'*

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: "trouxeste a chave?".

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam coisas futuras.

"Decifra-me ou te devoro."

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. [...] E Deus deu ao homem este mandamento: "Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer".²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

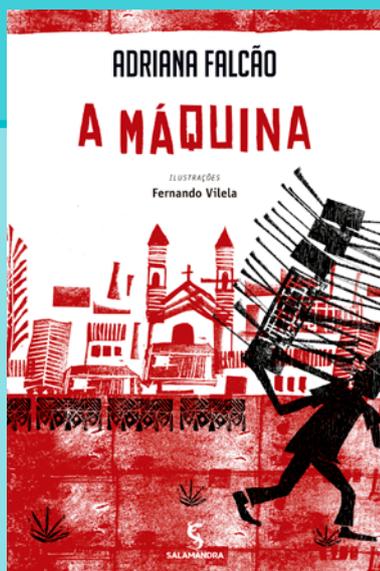
¹ *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.



ADRIANA FALCÃO, A AUTORA DE *A MÁQUINA*

Adriana nasceu no Rio de Janeiro, em 1960, mas passou boa parte de sua vida em Recife, onde se formou em Arquitetura. Nunca exerceu a profissão, mas com certeza usa suas habilidades arquitetônicas para criar as rocambolescas estruturas de suas histórias, sempre muito divertidas e influenciadas pelo folclore nordestino. Ela é escritora premiada de livros para crianças, jovens e adultos. Mas também encanta o público com seu talento nos roteiros que cria para programas de TV (*A comédia da vida privada*; *A grande família*; *As brasileiras*; *Louco por elas*); para o cinema (*O auto da compadecida*; *O ano em que meus pais saíram de férias*; *Fica comigo essa noite*; *A mulher invisível*; *Eu e o meu guarda-chuva*; *Se eu fosse você 1 e 2*) e também para o teatro (*A vida em rosa e Tarja preta*).



QUADRO-SÍNTESE

Gênero: Novela

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Sociologia, Arte.

Competências Gerais da BNCC:

1. Conhecimento, 3. Repertório cultural, 4. Comunicação,
6. Trabalho e projeto de vida,
9. Empatia e cooperação,
10. Responsabilidade e cidadania.

Temas: Projetos de vida; Inquietações das Juventudes; O jovem no mundo do trabalho; A vulnerabilidade dos jovens; Protagonismo juvenil; Diálogos com a sociologia e a antropologia; Ficção, mistério e fantasia.

SOBRE A OBRA

A pequena e esquecida cidade de Nordestina é o cenário dessa bela história de Adriana Falcão. “Longe que só a gota”, a cidade vem há tempos sofrendo uma espécie de êxodo. É que ficou comum os habitantes partirem de lá, em busca de novas oportunidades nas cidades vizinhas. Lá, onde ninguém chega, de onde só se sai. Lá mesmo, em Nordestina, vivia Antônio.

Antônio era filho de Dona Nazaré, era o funcionário de número 19 da prefeitura, era o moço do café, mas, acima de tudo, Antônio era completamente apaixonado por Karina. Como tudo em Nordestina, Antônio não se fazia notar. Mas, depois de juntar muita coragem, ele finalmente conseguiu beijar a moça na praça da cidade. Foi amor ao primeiro beijo. Antônio e Karina viraram um grude só. Um a sombra do outro.

Tudo o que a moça queria, ele dava um jeito de conseguir. E assim, de tanto querer, Karina quis um dia o que todo habitante de Nordestina desejava: ir embora para o mundo. Desesperado, Antônio decidiu que faria qualquer coisa para impedir essa partida anunciada, nem que para isso tivesse que trazer o mundo inteiro para Nordestina. Nem que para isso ele próprio tivesse que viajar.

É nesse ponto que uma epopeia tem início. Para atrair o mundo a Nordestina, Antônio deixa a cidade, vai até uma emissora de televisão e se oferece a fazer uma viagem no tempo, transmitida ao vivo. Como garantia, oferece sua própria vida: construiria uma *máquina* que o mataria, em rede nacional, caso a viagem no tempo falhasse.

Não teve bom senso que vencesse o sensacionalismo.

Poucos dias depois, Antônio voltou à Nordestina trazendo consigo todo o foco da mídia, todos os curiosos, todo o mundo, enfim. Mas seria ele realmente capaz de fazer essa viagem ao futuro? Como provaria aos presentes as coisas que veria por lá? Seria o futuro aquilo que todos imaginavam? Ou será que Antônio terminaria simplesmente vítima de sua própria máquina?

É com essa mistura de sertão e ficção que Adriana Falcão cria uma divertida e curiosa história de amor. O tom leve da escrita, entretanto, não impede que a autora aborde temas complexos de cunho político-social, como a questão da migração nordestina ou mesmo a manipulação, pautada no sensacionalismo, que a televisão exerce sobre a população.

As ilustrações de Fernando Vilela, inspiradas em xilogravuras, contribuem para a riqueza do livro, pois, além de povoar a imaginação do leitor, representam a cultura nordestina, remetendo-nos ao cangaço e ao cordel.

O maior legado da obra parece ser a reflexão filosófica que Adriana Falcão propõe em torno da ideia de acaso, destino e escolha. Em que medida um relato do futuro pode transformar o nosso presente? Em que medida podemos confiar na sorte do que está por vir e ter a coragem de agir agora? Entre promessas escalafobéticas de viagens no tempo, máquinas mortais e transmissões ao vivo, *A máquina* termina por nos lembrar de que o futuro pode não nos pertencer, mas nós ainda podemos reinventar a realidade a partir daquilo que almejamos e imaginamos.



FIOS E LINHAS

MARIA JOSÉ NÓBREGA

Conta-se que Teseu, o maior herói ateniense, precisou, certa feita, enfrentar um monstro que tinha o corpo de homem, a cabeça de touro e se alimentava de carne humana fornecida, a cada vez, com o sacrifício de sete moças e de sete rapazes da cidade de Atenas: era o terrível Minotauro.

Não era só a bestialidade do monstro que investia a tarefa de enorme perigo, mas a dificuldade do percurso. O monstro vivia encerrado em um labirinto, onde os caminhos se entrecruzavam, sem que, para alguns, houvesse saída. Muitos antes de Teseu haviam tentado enfrentar o desafio, mas foram derrotados pela fera ou, quem sabe, encurralados nas armadilhas do labirinto.

Foi Ariadne, uma jovem enamorada, que, temendo pela vida do amado, arquitetou, com a ajuda de Dédalo, um plano para demarcar o percurso, possibilitando que Teseu atingisse o centro, enfrentasse o Minotauro e voltasse seguro pelo mesmo caminho. Ela entregou ao herói um novelo que continha um fio mágico, um fio que nunca acabava, sob medida para Teseu desenrolar suas aventuras e retornar vitorioso e em segurança pela rota assinalada. Um fio que desenrolava a história e permitia ao narrador retornar para contá-la.

Teseu, não se sabe bem por que, vai abandonar Ariadne e viver outras histórias. Tristes, mas necessárias rupturas.

Começamos esta conversa com um mito que fala de fios que costuram amores e aventuras, que se entrelaçam e tecem os diferentes destinos. Mas fios e linhas também enredam textos que se revelam nas diferentes leituras de cada leitor.

Um texto traz sempre um convite: "Decifra-me!". Um leitor é sempre um desbravador de sentidos. As leituras, como os caminhos, podem ser, às vezes, difíceis. Mas tudo fica mais fácil se outro leitor desenrola o fio que costura o que se vai compreendendo a cada linha, revelando, como em um bordado, imagens que antes pareciam ocultas.

O fio que desliza nos dedos de Teseu é de Ariadne, mas o caminho não é dela, é dele. O percurso do herói-leitor não é o mesmo de quem estabelece com ele os processos de mediação com o texto, de quem desata os fios da compreensão e da interpretação dos labirintos da linguagem escrita. As aventuras são próprias daquele que caminha e retorna com histórias para contar.

O jovem leitor já construiu autonomia para decifrar as letras: não precisa mais de fios que lhe revelem o que elas representam. Mas, ingressando pelas veredas do mundo da escrita, precisará de outros tipos de fios: há trilhas simples que seu grau de autonomia leitora alcança, mas há outras mais complexas, prontas a desafiá-lo com linhas emaranhadas: não há aventura se não há desafios.

Não se forma um leitor se não o encorajamos a ampliar seus horizontes, porque há mais histórias... como a de Aracne, por exemplo, tecelã que urdia suas narrativas em tapeçarias que eram tão lindas que acabaram por despertar a inveja da deusa Minerva, que a transformou em aranha, condenando-a a tecer por toda a eternidade. Teias de histórias que se entrelaçam no território das palavras. Trouxeste o fio? Ou a chave?

Mas talvez quiséssemos saber mais a respeito de como aquele novelo chegou às mãos amorosas da jovem Ariadne. Ela contou com a engenhosa ajuda de Dédalo, criativo arquiteto, que por ter sido cúmplice do amor de Ariadne por Teseu, despertou a ira dos Deuses e acabou aprisionado no labirinto com seu filho Ícaro; mas, graças à sua enorme capacidade inventiva, confeccionou enormes pares de asas e acabou escapando.

Dédalo e Ícaro são personagens de outra bela história...

Como eles, leitores são espíritos livres que, tão logo podem, soltam os fios e voam. Dependem apenas das mãos amorosas de seus professores que, como Ariadne, encorajam e possibilitam o ingresso nos labirintos da escrita.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Nesta seção, os professores de Língua Portuguesa encontram uma sequência de atividades cuja finalidade é permitir a formação de um sujeito leitor, responsável e crítico, capaz de construir sentidos de modo autônomo e de argumentar a respeito de sua recepção da obra, constituindo-se como uma personalidade sensível e inteligente aberta aos outros e ao mundo. Ao partir da recepção do aluno-leitor, de sua **leitura subjetiva**, procura-se ampliar suas competências com a aquisição de saberes sobre os textos e sobre si; ao compartilhar essa experiência, em uma **leitura colaborativa**, procura-se submeter o texto do leitor à arbitragem dos pares e à autoridade do texto.

AS ATIVIDADES DE PRÉ-LEITURA MOBILIZAM A ANÁLISE GLOBAL DO TEXTO (A PARTIR DO TÍTULO, DA CAPA, DOS ELEMENTOS PARATEXTUAIS, DAS ILUSTRAÇÕES – SE PRESENTES), ESTIMULANDO PREDIÇÕES BEM COMO A MOBILIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS NECESSÁRIOS AO ENTENDIMENTO DA OBRA.

PRÉ-LEITURA

1. Nessa fase, você deve aproveitar para acostumar os alunos ao manuseio do livro: identificar o autor e a editora, verificar se o título é sugestivo, analisar a página de rosto, ler a quarta capa, observar as imagens e outros aspectos gráficos do livro (fonte, tipografia e tamanho).

2. Apresente a obra à classe. Informe aos alunos que eles vão ler *A máquina*, de Adriana Falcão. Pergunte se já leram algum livro dessa autora, se a conhecem e se sabem alguma coisa sobre o assunto do livro.

3. Analise com os estudantes a capa do livro, feita por Fernando Vilela. Convide-os a observar a imagem que ela traz. Conseguem formar algum sentido? Como essa imagem se articula com o título? O que ela sugere sobre a narrativa que irão ler? Que elementos conseguem identificar? E o título, *A máquina*, que pistas fornece sobre o enredo? A que tipo de máquina o autor estaria se referindo? O que a ilustração indica? Seria a máquina uma espécie de antena parabólica? O que será que ela é? Para que serve? Com base nesse primeiro contato com a obra, organize com os alunos uma lista das impressões e das sensações que foram suscitadas pelos elementos da capa.



4. Chame a atenção dos estudantes para a dedicatória. O que ela revela? Fornece pistas sobre o assunto da obra? Por fim, pergunte: Por que a maioria dos escritores, ao escrever um livro, o dedica a alguém?
5. Explique aos alunos que o texto que aparece na contracapa, o lado de trás do livro, é chamado de texto de quarta capa. Peça a algum aluno que o leia em voz alta. Apesar de oferecer algumas informações sobre a obra – como o cenário da história ou o nome dos personagens principais –, o texto continua apostando no mistério que gira em torno da “máquina”. Com base nas informações contidas nesse texto, estimule os estudantes a criar hipóteses a respeito do enredo da obra. Em seguida, peça a outro aluno que leia o comentário de Luis Fernando Verissimo. A partir desses dois textos, pergunte aos alunos quais são as expectativas deles com relação à leitura da obra.

As **ATIVIDADES DE LEITURA** IMPLICAM A COMPREENSÃO DO CONTEÚDO TEMÁTICO COM A SELEÇÃO DAS INFORMAÇÕES RELEVANTES PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA SÍNTESE E PARA A CHECAGEM DAS PREDIÇÕES FEITAS ANTES DA LEITURA, PARA CONFIRMÁ-LAS, REFORMULÁ-LAS OU REFUTÁ-LAS.

LEITURA

1. Peça aos alunos que observem a voz do narrador. Chame a atenção deles para o fato de que o texto é narrado em terceira pessoa e o narrador conta a história conhecendo o que se passa na mente dos personagens. Explique que é isto o que possibilita ao narrador criar as situações fictícias e estratégicas de modo a conduzir a trama de acordo com os seus propósitos narrativos. Deixe claro, no entanto, que essas regras variam e costumam ser quebradas pelos escritores. Leve-os a perceber que essa variação acontece no próprio livro que estão lendo. Ao final de *A máquina*, a voz de quem narra se altera. Peça que fiquem atentos para identificar em que momento isso acontece. Questione: Por que a autora usou esse artifício? Que efeito ele causa no leitor? Que efeito causou em você?
2. Solicite aos alunos que anotem as palavras e as expressões que não conhecem, pesquisando-as no dicionário ou deduzindo o significado pelo próprio contexto em que aparecem.
3. Estimule os estudantes a verificar se algumas das possibilidades levantadas por eles ao tomar contato com o título da obra e com a capa do livro estão sendo confirmadas na leitura. Acompanhe a leitura deles fazendo sondagens esporádicas sobre o que estão achando da trama, se a leitura é prazerosa ou difícil. Faça comentários estratégicos levando-os a intuir como o narrador constrói dinâmicas intertextuais. Elas fazem referência a aspectos socioculturais, históricos, linguísticos, sociológicos, filosóficos, científicos sobre a época em que se passa a história, e constroem o tecido da narrativa, explicitando situações e ocultando outras, dando margem a dúvidas para manter o interesse do leitor.
4. Peça aos alunos que reparem que *A máquina* é um livro fragmentado em episódios curtos, separados por vinhetas (pequenas ilustrações). Instrua-os a observar a maneira como essa divisão influencia o ritmo da leitura. Justamente por serem episódios curtos, de rápida leitura, tendem a “chamar” o episódio seguinte, dinamizando a fruição da narrativa.

5. Leve os alunos a atentar também para as ilustrações em página dupla que compõem o livro. O que chama a atenção nelas? Qual é o estilo das ilustrações? Que episódios representam? Que sensações acrescentam à narrativa? Embora algumas imagens façam referências mais diretas a determinados trechos da história, outras se revelam à medida que permitimos um tempo maior de observação. Instigue os alunos a se permitirem esse tempo durante a leitura.
6. Leve-os a perceber que o tom coloquial do texto de Adriana Falcão deve-se, em parte, à utilização de expressões regionais e de “modos de dizer” bastante cotidianos. “Longe que só a gota”, “desse tamanho assim”, “giganteza das coisas” são alguns exemplos. Peça aos alunos que procurem identificar essas expressões, tomando notas e experimentando a sua leitura em voz alta.



7. No trecho entre as páginas 13 e 16, a autora faz uma descrição original da passagem lenta e entediante do tempo, culminando com a informação de que cada vez menos pessoas viviam em Nordestina. Instigue os alunos a imaginar a forma de escrever da autora: Será que essas frases saíram naturalmente de sua mente, ou terá havido um trabalho de escrita e reescrita para se chegar ao resultado final? Peça que justifiquem suas respostas.
8. Chame a atenção dos alunos para a primeira menção à máquina na história, na página 44. O que essa menção sugeriu a eles sobre a tal máquina? O narrador foi claro, ou sua descrição não conseguiu dar uma ideia clara da geringonça?



As **ATIVIDADES DE PÓS-LEITURA** PROMOVEM A REFLEXÃO SOBRE O CONTEÚDO TEMÁTICO OU EXPRESSIVO DA OBRA A PARTIR DE OUTRAS REFERÊNCIAS QUE PERMITEM IDENTIFICAR DIFERENTES PERSPECTIVAS POSSÍVEIS PARA O TEMA, ESTIMULANDO UMA RESPOSTA CRÍTICA QUE PODE ENVOVER VÁRIOS NÍVEIS DE COMPLEXIDADE OU GERAR NOVAS PERGUNTAS, QUE ENRIQUECEM E TRANSFORMAM A EXPERIÊNCIA LEITORA.

PÓS-LEITURA

1. Em uma roda com a turma, converse com os alunos a respeito da história e da experiência de leitura que tiveram. Estimule-os a falar, fazendo as seguintes perguntas: Quais foram os métodos empregados pelos personagens para resolver seus problemas e dilemas? Eles agiram com ética? Alguém se identificou com Antônio? E com Karina? Instigue-os a justificar por que se identificaram com determinado personagem, levando-os a analisar aspectos humanos diversos, como os éticos, os sociais, os psicológicos, os físicos, os geográficos, entre outros. Quem pode dizer, em poucas palavras, o que acontece na história? Qual é, na verdade, o tema principal do livro? Quais são os temas secundários? Por fim, pergunte sobre quais são as conclusões que podemos tirar da história.
2. Pergunte aos estudantes, informalmente, qual foi a cena da história de que mais gostaram ou aquela que mais os emocionou ou divertiu. Peça que justifiquem a escolha. Questione-os sobre a validade da arte (um livro, um filme, uma canção, uma peça de teatro, uma pintura, uma escultura, um balé, um grafite etc.) como forma de conscientizar as pessoas a respeito de questões sociais importantes ou sobre o conhecimento do mundo e de si mesmas.
3. Aproveite esse trecho da história para pedir uma reflexão dos alunos sobre o significado da memória para uma pessoa, um bairro, uma cidade, um país:
“Era tanta gente indo embora que o povo até se acostumou com os vazios que ficavam e iam tomando conta da cidade, apagando cheiros, transformando em memória frases, olhares, gestos, e a cara daqueles que não tinham retrato.” (p. 11)
Questione-os: Qual é a importância da memória em uma sociedade? Quais são as formas pelas quais a memória pode ser preservada? Quais são os riscos do esquecimento individual e coletivo?
4. Comente com os alunos que, assim como o tempo, o espaço é um elemento fundamental na construção de uma narrativa. Nos dois últimos parágrafos da página 12, a autora faz uma descrição original dos limites de Nordestina em relação ao resto do mundo. Indague os alunos a respeito do que entenderam dessa descrição. Amplie a pergunta questionando-os se, ao longo da narrativa, conseguiram visualizar como é a cidade em que Antônio e Karina moram. Peça que descrevam a imagem que fizeram dela em suas mentes. Por fim, faça uma provocação: Pode-se dizer que Nordestina é também, assim como Antônio e Karina, um personagem da história? Por quê?

5. Pergunte aos estudantes se repararam que, em vários momentos da narrativa, a autora usa o artifício de descrever as coisas e os sentimentos como se o mundo tivesse começado naquele instante, ou como se as coisas e os sentimentos ainda não tivessem nome e fosse preciso nomeá-los, como nos trechos das páginas 19 e 20:

“Passou então a procurar entre as palavras importantes a mais parecida com aquela coisa lá que ele queria dizer.”

“Com tanta palavra que existia e não havia uma que servisse pra dizer o que Antônio sentia por Karina exatamente. Até que ele tentou inventar algumas, mas não havia som nem letra escrita que dissesse nada parecido.”

Comente que, com essas características, o estilo da autora se aproxima de um tom mítico ou bíblico, que narra o início do mundo. Questione os alunos a esse respeito: Eles tiveram essa impressão? Peça que identifiquem outro momento em que isso acontece. Ouça os trechos trazidos pelos alunos e comente-os a fim de que essa percepção, que perpassa a história, seja bem assimilada pela turma.

6. Comente que a percepção do tempo de Antônio também segue a lógica das coisas que estão por ser inventadas. Como neste trecho:

“No que deu seis horas da manhã, e a luz lá, onde ficava de segunda a sexta, Antônio pulou da cama com um pressentimento. Era como se estivesse por nascer uma maneira de convencer

Karina daquilo que não tinha nome, não tinha forma, não tinha jeito, não tinha espaço.” (p. 22)

Pergunte aos alunos se já sentiram algo semelhante. Que nome dariam a esse sentimento ou pressentimento? Ou com que nome o identificaram, caso já tenham sentido uma sensação parecida?

7. Da mesma forma, em outro trecho, em vez de nomear o que Antônio sentiu, o narrador preferiu descrevê-lo, supostamente pela falta de uma palavra que definisse aquele sentimento:

“E foi mesmo na frente da igreja que a vida de Antônio deu uma volta medonha, pois, no que viu Karina, seu coração disse pra sua cabeça, vá, e sua cabeça disse pra sua coragem, vou, e sua coragem respondeu, vou nada, mas sua boca não ouviu e beijou Karina bem ali, no meio da praça, e a boca de Karina não disse não, e nem poderia, pois estava por demais ocupada.” (p. 22)

Pergunte aos alunos: O que o narrador descreveu? Eles já experimentaram essa sensação? Peça que a descrevam, tal como a compreenderam, em apenas duas palavras. Será que conseguem? Depois peça que cada aluno fale para os colegas a sua descrição. Comente, por fim, que a concisão, ou seja, o poder de dizer alguma coisa com poucas palavras, é uma habilidade muito proveitosa para o pensamento e para a escrita.

8. Com base na história de Antônio, questione os alunos sobre um grande feito que eles realizaram em suas vidas e sobre um que ainda pretendem realizar.

POR MAIS "VERDADES DE MENTIRA" NA SALA DE AULA

SAMIR THOMAZ

Em uma pequena e aclamada obra chamada *A literatura em perigo*, o ensaísta e historiador búlgaro Tzvetan Todorov (1939-2017), um apaixonado por literatura desde criança – seus pais eram bibliotecários –, chama a atenção para o fato de que, em nossa época, a literatura corre o risco de não mais participar da formação cultural e humana das pessoas.

Todorov se refere, de maneira crítica, à forma como a literatura é ensinada nas escolas já há algumas décadas e ainda nos dias de hoje, com base no formalismo-estruturalismo, que leva às conhecidas e muitas vezes aborrecidas aulas em que os alunos são obrigados a memorizar a periodização das escolas literárias e as teorizações sobre elas, ficando o texto propriamente, ou seja, a literatura, relegada a segundo plano.

Nascido em uma Bulgária nos tempos do domínio soviético sobre as repúblicas do leste europeu, se por um lado o jovem Todorov tinha duas bibliotecas à disposição – a de seus pais –, por outro, à medida que crescia e evoluía na escola – ele optou por cursar Letras –, era obrigado a conter seu entusiasmo e fascínio pelos clássicos da literatura e prestar reverência à ideologia oficial.

Para que seus estudos literários não fossem interrompidos (e para escapar da censura), ele dirigiu seus primeiros trabalhos como estudante, professor e escritor para as formas linguísticas do texto – estilo, composição, foco narrativo, análise gramatical –, que são neutras, despidas de ideologia.

Somente depois que foi para Paris – onde se fixou e concluiu seu doutorado – é que pôde, enfim, ter uma relação mais livre e direta com a literatura. “De meados dos anos 1970 em diante, perdi o interesse pelos métodos de análise literária e passei a me dedicar à análise em si, isto é, aos encontros com os autores”, afirma o ensaísta.

Leitor reprimido na juventude, a constatação de Todorov de que a literatura está em perigo, no entanto, foi feita bem mais tarde, em uma época, a nossa (seu livro é de 2007), na qual a maioria dos países vive em democracias, ou seja, as crianças e adolescentes têm liberdade para ler uma ampla variedade de autores, participam de feiras e bienais de livros e frequentam uma escola cada vez mais preocupada com a pluralidade de ideias, a liberdade de expressão, a diversidade cultural, o protagonismo juvenil, a tolerância, os direitos humanos e a formação cidadã. Sem contar as múltiplas possibilidades da internet, que democratiza o acesso à informação e, por conseguinte, à leitura.

Esta é a realidade de um país como o Brasil. Não obstante suas desigualdades socioeconômicas, que afetam dramaticamente não apenas os níveis de leitura, mas a apreensão do conteúdo das demais disciplinas do currículo escolar, os recentes programas governamentais de fomento à educação e incentivo à leitura têm procurado diminuir essas discrepâncias, fazendo com que crianças e adolescentes tenham cada vez mais contato com os livros, com a cultura e com o conhecimento letrado e científico.

Não é uma tarefa simples em um país continental. E, apesar dos esforços, este é um jogo que estamos perdendo e precisamos virar. O fato é que ainda se lê pouco em nosso país. Um dos reflexos disso são os pífios resultados dos estudantes brasileiros no Pisa (Programme for International Student Assessment), da OCDE, que avalia os conhecimentos de matemática, ciência e leitura de estudantes de 15 anos de idade. Na prova do Enem de 2019, chamou a atenção o fato de que, de um total de mais de 3,9 milhões de candidatos, apenas 53 tiraram a nota máxima em redação enquanto quase 150 mil zeraram³.

A razão pode estar, assim como na época do jovem Todorov, na forma como a escola tem lidado com o ensino de literatura. Enquanto na Bulgária dos tempos da guerra fria havia a repressão e a censura, no Brasil atual a escola continua insistindo no modelo formalista-estruturalista de aulas, com ênfase em escolas literárias e análises teóricas – o que, como defendem teses pontuais como as de Todorov, tende a afastar os alunos do encanto, do prazer das descobertas, do estímulo à crítica e à reflexão que a leitura dos bons autores proporciona.

Em um mundo no qual há um clamor pela ideia de verdade, mas que, paradoxalmente, é dominado pela pós-verdade e pelas *fake news*, os jovens talvez se ressintam da “verdade de mentira” que a literatura (e o cinema, o teatro, as HQs) possibilitam. É preciso que eles enxerguem

³ BERMÚDEZ, Ana Carla. Enem 2019: 53 candidatos tiraram nota mil na redação; 143 mil tiraram zero. UOL. Disponível em: <<http://mod.lk/enem>>.

na leitura (sobretudo na leitura de ficção) muito mais do que a obrigação de se inteirar de um volume de informações cifradas contidas em algumas dezenas de páginas (que é como muitos adolescentes veem os livros) com o objetivo efêmero de serem aprovados no vestibular e passem a perceber que a “verdade de mentira” escondida naquelas páginas é muito mais do que um mero enredo ou um simples relato.

Essa “verdade de mentira”, ao viabilizar a imersão em outra lógica de realidade, movida pela imaginação e pela fantasia, abre para eles uma infinita gama de possibilidades. É o velho e conhecido “what if?” dos escritores – em português, o “e se?”. E se isto acontecesse? E se determinado fato não tivesse sucedido do modo como se deu? E se um morto resolvesse escrever suas memórias póstumas? E se eu acordasse transformado em uma barata?

O contato com os grandes prosadores não apenas amplia o repertório cultural e de linguagem dos leitores, mas os liberta dessa amplitude de reflexão e de pensamento e os liberta dos determinismos cotidianos de que muitos jovens são vítimas em um país como o Brasil: “E se a minha vida fosse diferente do que é?”.

Ao sair do real, a literatura nos traz um entendimento profundo do que o mundo é, das dimensões nem sempre discerníveis do tempo e do espaço, de quais coordenadas silenciosas regem nossas vidas em sociedade. Enfim, a leitura dos bons autores, do presente e do passado, nacionais e estrangeiros, nos dá uma consciência cidadã do nosso papel como ser humano em um mundo em que os valores cada vez mais se metamorfoseiam e se pulverizam.

Assim disse o jornalista e escritor José Castello, em uma entrevista para o Caderno 2:

Queremos sempre estar quites com o mundo, mas nunca conseguimos. Este “nunca conseguir” é a própria vida. Enquanto a ciência perfura as coisas em busca de seu centro e a religião se eleva na ilusão de vê-las por inteiro, a literatura dança em torno delas. Ninguém escreve um romance para dizer a verdade, ou chegar à verdade. Para a literatura, o mundo é um enigma em torno do qual só nos resta girar e dançar.

Cabe à escola, no geral, e aos professores, de modo particular, rever sua forma de atuar para atingir o coração e a mente do jovem do século XXI, ávido de conhecimento, de verdades, de vida, mas também das “verdades de mentira” com que a literatura, desde Homero, Dante, Shakespeare, Cervantes, Victor Hugo, Machado vêm enriquecendo a alma humana.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Nesta seção, os professores de Língua Portuguesa em diálogo com docentes de outros componentes curriculares encontram sugestões para uma abordagem interdisciplinar, estabelecendo conexões entre a invenção literária e outras formas de discurso ou práticas do mundo social, considerando a obra literária como uma estrutura móvel, capaz de dar respostas diversas em diferentes contextos. As atividades propostas transitam entre o contexto de produção e de recepção da obra literária, procurando refletir a respeito das expectativas de cada período, de cada grupo social com o propósito de desenvolver a capacidade argumentativa e inferencial dos estudantes.

Assim como na seção Propostas de atividades 1, aqui a organização também se dá em atividades para os momentos de pré-leitura, leitura e pós-leitura.

AS ATIVIDADES DE PRÉ-LEITURA MOBILIZAM A ANÁLISE GLOBAL DO TEXTO (A PARTIR DO TÍTULO, DA CAPA, DOS ELEMENTOS PARATEXTUAIS, DAS ILUSTRAÇÕES – SE PRESENTES), ESTIMULANDO PREDIÇÕES BEM COMO A MOBILIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS NECESSÁRIOS AO ENTENDIMENTO DA OBRA.

PRÉ-LEITURA

LÍNGUA PORTUGUESA Comente com os estudantes que o gênero a que o livro pertence, *novela*, não tem relação com as conhecidas novelas de televisão. Explique que, em geral, a novela literária (como *A máquina*) é considerada uma história intermediária entre o conto (narrativa curta) e o romance (narrativa longa), mas que, às vezes, uma novela pode ser chamada de romance, não havendo um critério rigoroso para sua classificação.

As **ATIVIDADES DE LEITURA** IMPLICAM A COMPREENSÃO DO CONTEÚDO TEMÁTICO COM A SELEÇÃO DAS INFORMAÇÕES RELEVANTES PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA SÍNTESE E PARA A CHECAGEM DAS PREDIÇÕES FEITAS ANTES DA LEITURA, PARA CONFIRMÁ-LAS, REFORMULÁ-LAS OU REFUTÁ-LAS.

LEITURA

1. **LÍNGUA PORTUGUESA** Peça aos alunos que escrevam um texto imitando o estilo da autora, descrevendo como é a semana deles. Sugira, como forma de inspirá-los, que releiam o conteúdo das páginas 20 e 21, em que o narrador descreve a semana de Antônio.
2. **LÍNGUA PORTUGUESA** Comente com os estudantes que, assim como o espaço em que se passa a história – a pequena cidade de Nordestina – ganha *status* de personagem, também o tempo, outro elemento fundamental de uma narrativa, rouba a cena na trama. Indague aos alunos se eles concordam com essa afirmação e peça que justifiquem suas respostas, de preferência dando exemplos.
3. **LÍNGUA PORTUGUESA** Comente com os alunos que, por empregar um léxico e construções características de um dialeto – a variante regional do Nordeste –, a escrita de Adriana Falcão é muito próxima também da literatura de cordel, um gênero oral de literatura muito cultivado no Nordeste brasileiro. Oriente os alunos a se organizar em grupos a fim de fazer uma coleta de textos de cordel para recitarem, ou uma leitura expressiva na sala de aula. Para que todos possam se apresentar, peça que adaptem o tempo de cada apresentação ao horário da aula. Em momento posterior, sugira que discutam as semelhanças entre os versos de cordel e o modo de escrita de Adriana Falcão em *A máquina*.

AS **ATIVIDADES DE PÓS-LEITURA** PROMOVEM A REFLEXÃO SOBRE O CONTEÚDO TEMÁTICO OU EXPRESSIVO DA OBRA A PARTIR DE OUTRAS REFERÊNCIAS QUE PERMITEM IDENTIFICAR DIFERENTES PERSPECTIVAS POSSÍVEIS PARA O TEMA, ESTIMULANDO UMA RESPOSTA CRÍTICA QUE PODE ENVOVER VÁRIOS NÍVEIS DE COMPLEXIDADE OU GERAR NOVAS PERGUNTAS, QUE ENRIQUECEM E TRANSFORMAM A EXPERIÊNCIA LEITORA.

PÓS-LEITURA

1. **LÍNGUA PORTUGUESA** A página 22 apresenta uma descrição do que se passou na cabeça de Antônio quando viu Karina na frente da igreja. Peça aos alunos que digam que sentimento é aquele. Depois, solicite que escrevam uma descrição bem original do que acham que sente quem está apaixonado.
2. **LÍNGUA PORTUGUESA** No livro, o personagem Antônio supostamente realiza uma viagem ao futuro e termina por contar aos seus contemporâneos tudo o que viu por lá. Tendo essa possibilidade como mote, peça aos alunos que se perguntem: O que eu veria se viajasse ao futuro? Em seguida, proponha que escrevam um texto buscando descrever essa visão com o máximo de detalhes. O que gostariam de ver no futuro? O que acreditam que verão?
3. **LÍNGUA PORTUGUESA** Em uma conversa informal com os alunos, pergunte a eles, usando a expressão da página 10 – “se palavra gastasse”: Se palavra gastasse, qual palavra os alunos mais gostariam? E qual mais economizariam? Peça que expliquem as respostas.
4. **LÍNGUA PORTUGUESA** Abra uma roda de conversa com a turma e apresente algumas expressões originais empregadas pela autora para construir sua narrativa. Em seguida, peça que discutam os sentidos de cada uma, de que modo subvertem a lógica da linguagem, ou da própria gramática, e que efeito causam no leitor: “besteira solteira” e “besteira casada” (p. 16); “mais pra levar as dúvidas a passeio” (p. 16); “bobagens importantíssimas” (p. 26); “um puxão no centro da Terra” (p. 28); “era somente o lugar onde seus habitantes habitavam” (p. 33); “dividiu por dois” (p. 39); “foi não foi”? (p. 71).
5. **LÍNGUA PORTUGUESA** Explique aos alunos, informalmente, que toda narrativa possui um motivo condutor, aquele elemento da narrativa, normalmente um conflito ou mistério, mas também uma busca ou a reparação de uma injustiça, entre outras motivações possíveis, que faz a trama se movimentar e caminhar para o desfecho da história. Pondere que não é uma regra fixa, podendo apresentar variantes, como quase tudo na prosa moderna. Depois dessa explicação, questione a turma: Qual foi o conflito inserido na história pela autora e que consequências ele teve na vida dos personagens? Se achar oportuno, leve-os a pensar em outras histórias que leram e em qual era o conflito existente nelas.
6. **LÍNGUA PORTUGUESA** Atente para estas afirmações da escritora Ana Maria Machado, em um texto que fala das potencialidades da leitura de ficção:

As narrativas de ficção possibilitam que as crianças tenham contato com outras realidades além da sua e vivenciem coisas muito diferentes daquelas que seu cotidiano lhes oferece. Isso permite que projetem seus temores e seus desejos, adquiram experiências emocionais que as ajudem a crescer. Permite também que saiam de si mesmas, indo além dos limites emocionais de cada um. Propicia oportunidades para que se identifiquem com os outros, sintam solidariedade e compaixão, admiração e carinho por pessoas que nem conhecem (e que muitas vezes são apenas imaginárias, puros personagens), mas nem por isso as emoções que trazem são menos intensas. Ou que enfrentem medos, vergonhas e sentimentos difíceis, sem precisar passar por elas de verdade.

MACHADO, Ana Maria, Uma ponte entre grandes e pequenos. In: *Uma rede de casas encantadas*, p. 14-15, São Paulo: Moderna, 2012.

Com base neste trecho, crie estratégias para sondar se as potencialidades mencionadas por Ana Maria Machado, ou ao menos parte delas, foram alcançadas pelos alunos após a leitura de *A máquina*, de Adriana Falcão.

7. **SOCIOLOGIA** Um tema importante tratado em *A máquina* é a questão da migração. Na novela, as pessoas saem de Nordeste em busca de melhores oportunidades. Na vida real, o fluxo de migrações oriundas da região Nordeste em direção principalmente ao Sudeste também é um fato bastante comum. Proponha um intercâmbio com as aulas de Geografia, desafiando os alunos a estudarem

as origens e as consequências desse fenômeno. Em seguida, peça a eles que, individualmente, redijam um texto expositivo sobre o tema, buscando contextualizar as condições políticas, econômicas e sociais que se escondem por trás da migração.

8. **SOCIOLOGIA** Ainda com o intuito de explorar um pouco mais a questão da migração, pergunte aos alunos se as suas famílias são naturais de suas cidades de residência ou se vêm de outras cidades e estados. Oriente-os a conversar com seus pais e familiares buscando resgatar as origens de cada um. Provavelmente, muitos jovens constatarão que possuem ascendentes de outras regiões do Brasil e mesmo de outros países. É interessante sugerir que procurem entender os motivos que levaram seus antepassados a mudar de cidades, ou, ao contrário, que fizeram com que decidissem se fixar nas cidades de origem. Essa atividade, além de proporcionar uma reflexão sobre a própria origem, com certeza vai criar pontos de contato entre as suas vidas e a ficção de Adriana Falcão.
9. **SOCIOLOGIA** Que tal conhecer um pouco mais sobre a cultura nordestina? Com o intuito de aproximar os jovens leitores do universo do livro, divida-os em grupos e peça que pesquisem diferentes aspectos da cultura nordestina. Temas como a literatura de cordel, o movimento cangaceiro, as danças populares, como o frevo e o maracatu, ou mesmo a rica culinária nordestina, são alguns exemplos que podem suscitar uma

pesquisa. Organize um fórum para a apresentação dos trabalhos. Você pode mediar as apresentações ou pedir à turma que escolha um aluno ou uma aluna para essa função.

10. **SOCIOLOGIA** O sensacionalismo cultivado pela televisão é um tema importante abordado por Adriana Falcão. Para introduzir o assunto, proponha uma leitura em voz alta do episódio narrado entre as páginas 47 e 48 do livro, no qual podemos visualizar as manchetes de jornal que anunciam a transmissão ao vivo da viagem no tempo de Antônio. Chame a atenção para a maneira como a autora evidencia o modo como a notícia é transformada e aumentada em cada frase. Eles reconhecem procedimentos similares adotados pela mídia nos dias atuais? Conseguem citar alguns exemplos? Proponha um bate-papo sobre o assunto, buscando estabelecer uma reflexão em torno da manipulação que pode ocorrer na mídia, não deixando de considerar a importância da imprensa para a democracia, para a liberdade de expressão e para a informação da população sobre assuntos do dia a dia.

11. **ARTE** Promova, se possível, a audição das canções a seguir, que falam de temas relacionados ao enredo de *A máquina* – os comentários sobre elas estão nas Sugestões de Referências Complementares deste encarte. As

canções podem ser exploradas de diversas maneiras em sala de aula, de acordo com a sua estratégia didática: a) podem servir de tema de uma produção textual, na qual os estudantes devem escrever de forma crítica sobre o que diz a letra; b) podem ser objeto de discussão em sala de aula; c) podem servir de sensibilização para o início de uma aula sobre determinado tema explorado no livro. Em todos os casos, é fundamental que os estudantes tragam de casa a letra da canção impressa. Estimule-os a buscar informações sobre os compositores e cantores, além dos gêneros musicais apresentados.

Parabelo, de Tom Zé e José Miguel Wisnik, na apresentação do grupo de dança Corpo.

Disponível em: <<http://mod.lk/parabelo>>.

O silêncio, de Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown.

Disponível em: <<http://mod.lk/osilenci>>.

Oração ao tempo, de Caetano Veloso.

Disponível em: <<http://mod.lk/oracaoao>>.

Sobre o Tempo, com a banda Pato Fu.

Disponível em: <<http://mod.lk/sobreo>>.

Segue o seco, de Carlinhos Brown com Marisa Monte.

Disponível em: <<http://mod.lk/segueose>>.

Diáspora, do grupo Tribalistas.

Disponível em: <<http://mod.lk/diaspora>>.

Televisão, com a banda Titãs.

Disponível em: <<http://mod.lk/televisa>>.

12. **ARTE** Promova, se possível, uma sessão de cinema em sala de aula com os filmes sugeridos a seguir, que dialogam, de alguma forma, com questões trazidas pela novela de Adriana Falcão, ou peça aos alunos que se organizem individualmente, em duplas ou em grupos, na casa de algum deles, para a realização de alguma tarefa específica, como pesquisa, seminário ou debate. Estimule-os a buscar informações sobre os diretores e atores dos filmes, sobre as histórias e seu contexto, traçando paralelos com as situações narradas em *A máquina*.

A hora da estrela. (Brasil, 1985).

Comédia dramática. Direção de Suzana Amaral. Duração: 1h36min.

Adaptação para o cinema da obra *A hora da estrela*, último livro escrito por Clarice Lispector, lançado em 1977. O enredo traz Macabéa, imigrante nordestina, que vai para São Paulo trabalhar em um emprego humilde e viver em uma pensão. Macabéa é uma imigrante de jovem (19 anos), semianalfabeta, que vive longe de suas raízes, tentando se adaptar à lógica social da metrópole. Realista, o filme traduz o espírito do livro de Clarice, que representa o imigrante (homem ou mulher) que vai para a cidade grande iludido por aquilo que vê na televisão, em sua cidade.

Disponível em: <http://mod.lk/estrela>.

Os narradores de Javé. (Brasil, França, 2004). Drama. Direção de Eliane Caffé. Duração: 1h42min.

Uma ameaça à existência do pequeno vilarejo de Javé muda a rotina de seus habitantes. O pequeno lugar pode desaparecer do mapa, engolido pelas águas de uma enorme usina hidrelétrica. Para evitar o destino fatídico, a comunidade decide preparar um documento contando os acontecimentos heroicos de sua história, como forma de a cidade escapar do aniquilamento. Mas a maioria dos moradores do lugarejo é analfabeta.

Disponível em: <http://mod.lk/narrador>.

13. **ARTE** As ilustrações de Fernando Vilela nos remetem a xilogravuras de motivos nordestinos. Gravuras criadas a partir de uma matriz de madeira, as xilogravuras, geralmente, são facilmente reconhecíveis, pois apresentam na impressão as marcas da própria talha na matriz. Pergunte aos alunos se estão familiarizados com essa técnica artística. Em seguida, proponha que pesquisem um pouco sobre essa técnica, trazendo referências sobre os seus procedimentos criativos, bem como imagens que a exemplifiquem.

LITERATURA É APRENDIZADO DE HUMANIDADE

DOUGLAS TUFANO

A literatura não é matéria escolar, é matéria de vida.

A boa literatura problematiza o mundo, tornando-o opaco e incitando à reflexão. É um desafio à sensibilidade e à inteligência do leitor, que assim se enriquece a cada leitura. A literatura não tem a pretensão de oferecer modelos de comportamento nem receitas de felicidade; ao contrário, provoca o leitor, estimula-o a tomar posição diante de certas questões vitais. A literatura propicia a percepção de diferentes aspectos da realidade. Ela dá forma a experiências e situações que, muitas vezes, são desconcertantes para o jovem leitor, ao ajudá-lo a situar-se no mundo e a refletir sobre seu próprio comportamento.

Mas essa característica estimuladora da literatura pode ser anulada se, ao entrar na sala de aula, o texto for submetido a uma prática empobrecedora, que reduz sua potencialidade crítica.

Se concordarmos em que a escola deve estar mais atenta ao desenvolvimento da maneira de pensar do que à memorização de conteúdos, devemos então admitir que sua função mais importante é propiciar ao aluno atividades que desenvolvam sua capacidade de raciocínio e argumentação, sua sensibilidade para a compreensão das múltiplas facetas da realidade. A escola, portanto, deveria ser, antes de tudo, um espaço para o exercício da liberdade de pensamento e de expressão.

E se aceitarmos a ideia de que a literatura é uma forma particular de conhecimento da realidade, uma maneira de ver o real, entenderemos que ela pode ajudar enormemente o professor nessa tarefa educacional, pois pode ser uma excelente porta de entrada para a reflexão sobre aspectos importantes do comportamento humano e da vida em sociedade, e ainda permite o diálogo com outras áreas do conhecimento.

O professor é o intermediário entre o texto e o aluno. Mas, como leitor maduro e experiente, cabe a ele a tarefa delicada de intervir e esconder-se ao mesmo tempo, permitindo que o aluno e o texto dialoguem o mais livremente possível.

Porém, por circular na sala de aula junto com os textos escolares, muitas vezes o texto literário acaba por sofrer um tratamento didático, que desconsidera a própria natureza da literatura. O texto literário não é um texto didático. Ele não tem uma resposta, não tem um significado que possa ser considerado correto. Ele é uma pergunta que admite várias respostas; depende da maturidade do aluno e de suas experiências como leitor. O texto literário é um campo de possibilidades que desafia cada leitor individualmente.

Trabalhar o texto como se ele tivesse um significado objetivo e unívoco é trair a natureza da literatura e, o que é mais grave do ponto de vista educacional, é contrariar o próprio princípio que justificou a inclusão da literatura na escola. Se agirmos assim, não estaremos promovendo uma educação estética, que, por definição, não pode ser homogeneizada, massificada, despersonalizada. Sem a marca do leitor, nenhuma leitura é autêntica; será apenas a reprodução da leitura de alguma outra pessoa (do professor, do crítico literário etc.).

Cabe ao professor, portanto, a tarefa de criar na sala de aula as condições para o desenvolvimento de atividades que possibilitem a cada aluno dialogar com o texto, interrogá-lo, explorá-lo. Mas essas atividades não são realizadas apenas individualmente; devem contar também com a participação dos outros alunos – por meio de debates e troca de opiniões – e com a participação do professor como um dos leitores do texto, um leitor privilegiado, mas não autoritário, sempre receptivo às leituras dos alunos, além de permitir-lhes, conforme o caso, o acesso às interpretações que a obra vem recebendo ao longo do tempo.

Essa tarefa de iniciação literária é uma das grandes responsabilidades da escola. Uma coisa é a leitura livre do aluno, que obviamente pode ser feita dentro ou fora da escola. Outra coisa é o trabalho de iniciação literária que a escola deve fazer para desenvolver a capacidade de leitura do aluno, para ajudá-lo a converter-se num leitor crítico, pois essa maturidade como leitor não coincide necessariamente com a faixa etária. Ao elaborar um programa de leituras, o professor deve levar em conta as experiências do aluno como leitor (o que ele já leu? como ele lê?) e, com base nisso, escolher os livros com os quais vai trabalhar.

Com essa iniciação literária bem planejada e desenvolvida, o aluno vai adquirindo condições de ler bem os grandes escritores, brasileiros e estrangeiros, de nossa época ou de outras épocas. Nesse sentido, as noções de teoria literária aplicadas durante a análise de um texto literário só se justificam quando, efetivamente, contribuem para enriquecer a leitura e compreensão do texto, pois nunca devem ser um fim em si mesmas. A escola de Ensino Fundamental e Médio quer formar leitores, não críticos literários. Só assim é possível perceber o especial valor educativo da literatura, que, como dissemos, não consiste em memorizar conteúdos mas em ajudar o aluno a situar-se no mundo e a refletir sobre o comportamento humano nas mais diferentes situações. Literatura é aprendizado de humanidade.

Nesta seção, apresentamos aos professores de Língua Portuguesa orientações e subsídios que podem ajudá-los a ter claras as definições conceituais do cânone literário, já estudadas em seus anos de formação, mas sempre sujeitas a controvérsias (como veremos adiante), bem como às rupturas formais e instrumentais que a literatura, em sua dinâmica própria, estabeleceu ao longo dos séculos até os dias de hoje. Ao fazer da experiência humana matéria-prima de sua atividade, não se pode esperar que a literatura se deixe aprisionar em conceitos abstratos. No entanto, e sobretudo na escola, em que os alunos estão muitas vezes tendo o primeiro contato com a sistematização desse estudo, é preciso que eles conheçam as conceituações básicas, para que, com base nelas, ampliem e aprofundem o seu conhecimento.

Com essas orientações e subsídios, o professor poderá organizar a sua leitura e apreensão do fenômeno literário, para que possa explorar as suas potencialidades e aplicá-las de forma proveitosa e fecunda no contato com os estudantes, fazendo com que a aula de literatura extrapole o âmbito meramente daquele que sabe e daquele que aprende, mas se transforme em um diálogo vivo, uma troca criativa e inovadora que, sem dúvida, irá conduzir aquele que aprende ao conhecimento da literatura, mas também irá proporcionar àquele que sabe a experiência de poder rever seus conhecimentos, ampliando-os, à luz da comunhão que a leitura proporciona.

As orientações e subsídios a seguir contemplam ainda o diálogo que as obras literárias, naquilo que possuem de específico e de universal, estabelecem com as produções artísticas de outros gêneros, literários ou não, contemporâneas ou de outro tempo. Na já referida dinâmica própria do fazer e do fruir literários, que se acentuaram nos últimos séculos com o advento de novas formas de arte – haja vista as possibilidades que a revolução digital tem proporcionado tanto a quem lê quanto a quem produz literatura em nossos dias –, não é mais razoável nem satisfatório que a experiência dos alunos com os livros se circunscreva apenas ao âmbito das palavras, por mais ricas e infinitas que sejam. É necessário que eles adquiram um olhar pragmático para compreender de que modo aquilo que o escritor, dramaturgo ou poeta colocou em sua obra, com toda a sutileza e a singularidade com que foi concebido, pode ser visto de outros prismas estéticos, outras concepções artísticas, outros ângulos epistemológicos, enfim, outros olhares, sem deixar de ser fiel à “espinha de peixe” – expressão usada pela cineasta Suzana Amaral, pródiga em transpor obras literárias para o cinema, para se referir ao manancial de conhecimento do mundo ímpar que toda obra literária traz.

O GÊNERO DA OBRA

NOVELA

Há quem defina a novela, de forma simplista (sem que esse simplismo se distancie necessariamente da verdade), como uma narrativa menor do que o romance em número de páginas (e, por extensão, maior do que um conto). Como base para comparação, o romance é uma narrativa em prosa, geralmente longa com vários personagens que vivem diferentes conflitos e cujos desfechos se cruzam. Ele coloca em cena problemas de relações humanas, mas não necessariamente amorosas, como pode sugerir o sentido mais usual da palavra romance. Além disso, ele pode apresentar diferentes temas e contextos, por isso é possível falar de romance histórico, romance policial, romance de aventuras etc. De fato, se tomarmos novelas como *A metamorfose*, de Franz Kafka, ou *Um copo de cólera*, de Raduan Nassar, a primeira impressão que teremos dessas obras, antes mesmo de começarmos a lê-las, é que se trata de narrativas de pequeno fôlego, com base na pequena “grossura” dos volumes, perceptível pelo contato tátil.

No entanto, se verificarmos obras como *O alienista*, de Machado de Assis, ou *Bartleby, o escrivão* (ou o *escriturário*, depende da tradução), de Herman Melville, que modernamente são classificadas como novelas, mas que, originalmente, são definidas como contos, teremos noção das controvérsias que envolvem as fronteiras do que é uma novela literária em relação ao romance e mesmo ao conto. Sem contar que, para confundir um pouco mais as coisas, hoje em dia, quando se fala em novela, a primeira noção para a qual o senso comum nos leva é a das conhecidas novelas de televisão.

Levando em conta essas discussões, para as quais em geral o leitor comum passa ao largo – ele quer apenas ler uma boa história, seja romance, novela ou conto –, a novela pode ser definida, *grosso modo*, como uma narrativa articulada em torno de um pequeno número de personagens e de conflitos – na maior parte das vezes um conflito move toda a história. A limitação dos conflitos e dos personagens, no entanto, não são necessariamente proporcionais à densidade da carga narrativa, que, a despeito da necessidade de um desfecho relativamente rápido, pode ser mais intensa muitas vezes do que um alentado romance.

Outra definição possível é a de que a novela é composta de capítulos ou unidades não autônomas, mas que estão interligados: cada um traz em si certas motivações que serão depois desenvolvidas nos capítulos seguintes e assim por diante, numa sucessão que manterá a atenção e a curiosidade do leitor e levará ao epílogo. Um exemplo típico de novela que apresenta essa estrutura é *Dom Quixote de la Mancha*, do escritor espanhol Miguel de Cervantes, publicada no início do século XVII.

Também aqui, no entanto, temos polêmicas. Há um certo consenso entre os estudiosos de que a obra de Cervantes inaugura o romance moderno na história da literatura. Isso significa que esse livro rompeu certos paradigmas que vinham das novelas de cavalaria, a forma preferida dos leitores daquela época até então – haja vista a fanática admiração do personagem Dom Quixote pela figura do cavaleiro andante, um personagem típico desse tipo de história. Mas como Dom Quixote pode “inaugurar” o romance moderno sendo uma novela? Eis a polêmica.

Quando se diz que a obra de Miguel de Cervantes “inaugura” o romance moderno, ainda que seja “oficialmente” uma novela, se quer dizer que ela traz elementos novos à *forma de narrar*. Essa forma de narrar criou um “modelo” de contar histórias que será incorporada, nos séculos seguintes, à forma de se contar uma história literária – seja um romance, uma novela ou um conto. Essa forma de se contar uma história conhecerá o seu apogeu no século XIX, com o francês Gustave Flaubert – que escreveu romances, novelas e contos – e os romances e novelas de folhetim. *A máquina*, de Adriana Falcão, a novela que os alunos leram, é herdeira dessa forma de contar histórias, que nasceu com *Dom Quixote*.

Para concluir, é preciso dizer que a discussão sobre o que é romance, novela e conto envolve também a forma como uma obra é construída e apresentada ao público. A definição de que a novela é composta de unidades não autônomas interligadas pode ser problemática se não levamos em conta a forma como houve isso que estamos chamando de “interligação”. O conhecido romance *Vidas secas*, do escritor alagoano Graciliano Ramos, publicado na primeira metade do século XX, nasceu como unidades autônomas e só depois foi organizado em um volume único, ao qual o autor conferiu certa organicidade narrativa. É só um exemplo, entre muitos. Portanto, tão importante quanto a leitura da obra em si mesma é a curiosidade, prévia ou posterior à experiência do contato com a história, do aluno para que tenha uma compreensão que extrapole o mero enredo, e do professor, para que possa explorar as potencialidades da obra como produto do engenho criativo humano, influenciado por sua época, mas que vai muito além dela.

SOBRE OS ESTILOS LITERÁRIOS

Para introduzir a questão da arte moderna, e, por extensão, da literatura moderna, seria bom considerar este comentário de 1956, do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto, que expressa uma concepção com que qualquer artista moderno ou contemporâneo concordaria:

"O autor de hoje trabalha à sua maneira, à maneira que ele considera mais conveniente à sua expressão pessoal. Do mesmo modo que cria sua mitologia e sua linguagem pessoal, ele cria seu conceito de poema e, a partir daí, seu conceito de poesia, de literatura, de arte. Cada poeta tem a sua poética. Ele não está obrigado a obedecer a nenhuma regra, nem mesmo àquelas que em determinado momento ele mesmo criou, nem a sintonizar seu poema a nenhuma sensibilidade diversa da sua. O que se espera dele, hoje, é que não se pareça a ninguém, que contribua com uma expressão original. [...]"

Para empregar uma palavra bastante corrente na vida literária de agora, o que se exige de cada artista é que ele transmita aquilo que em si é o mais autêntico, e sua autenticidade será reconhecida na medida em que não se identifique com nenhuma expressão já conhecida. Não é preciso lembrar que, para atingir essa expressão pessoal, todos os direitos lhe são concedidos. [...]"

Pode-se dizer que hoje não há **uma** arte, não há **a** poesia, mas há artes, há poesias. Cada arte se fragmentou em tantas artes quantos forem os artistas capazes de fundar um tipo de expressão pessoal."

NUNES, Benedito (org.). *João Cabral de Melo Neto*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1971, p. 190-191. (Coleção Poetas Modernos do Brasil)

Como se vê, chegou ao fim a noção de “estilo”, “escola” ou “convenção” literária, tal como se concebia nos séculos anteriores. Esse é um processo que começa com o Romantismo, no século XIX, e atinge seu maior desenvolvimento no século XX. É a proclamação da independência estética do artista moderno, fenômeno que se verifica em praticamente todos os campos artísticos, da música à literatura e às artes plásticas. Cada artista cria sua própria concepção de arte. Daí a sensação de “estilhaçamento” quando observamos o panorama da literatura moderna e contemporânea. Hoje, estudamos autores e não grupos ou gerações literárias.

Isso não quer dizer que os escritores de hoje não tenham nada a ver com a tradição. Têm, sim, mas a diferença agora é que a forma de apropriação da tradição é feita de maneira absolutamente pessoal.

Os primeiros vinte anos do século XX, na Europa, assistiram a essa desintegração total dos chamados “estilos de época”, com repercussões profundas no Brasil a partir principalmente da década de 1920. A Semana de Arte Moderna de 1922 pode ser vista como um ponto de referência desse processo de transformação.

Ao falar da poesia brasileira do século XXI, Manuel da Costa Pinto reitera o que disse João Cabral, cinquenta anos antes. Sobre os poetas que selecionou para sua Antologia, diz ele: “[...] sem esquecer, é claro, que todo escritor possui uma singularidade irredutível a influências e recortes teóricos”. (*Antologia comentada dos poetas brasileiros do século 21*, Publifolha). É o reconhecimento do fim dos estilos que englobavam escritores de uma mesma geração ou época.

O QUE É LITERATURA?

Seria importante que os professores levassem o aluno a perceber que literatura é construção da linguagem. Isto é, ainda que tenha como referência o mundo real, a marca da literatura é o fato de ser ficção, ela é fruto da inventividade do autor. Literatura é, pois, recriação da realidade e não, como muitas vezes se diz, um “retrato” da realidade. E nessa recriação o autor tem plena liberdade, como disse João Cabral. Pode explorar formas de linguagem, criar palavras, imaginar enredos – nada o prende à realidade imediata. E é exatamente essa liberdade que torna a literatura um campo de possibilidades virtualmente infinito. Ao entrar nesse universo fictício, o leitor sabe que qualquer coisa pode acontecer. Não é um jogo de cartas marcadas, mas um espaço desconhecido a ser percorrido e descoberto.

Desenvolver esse novo conceito de literatura como uma “aventura” intelectual talvez seja o grande desafio da escola. O aluno não deve ler como se fizesse uma prova ou um questionário (como ocorre nos vestibulares, por exemplo). Deve ler como uma conquista, porque isso pode abrir seu horizonte existencial. Essa é a dimensão educativa da literatura.

O declínio da importância das “escolas literárias” levou ao declínio também da preocupação em reconhecer as características de cada uma, como uma lista a ser decorada. Por isso, hoje a literatura deve ser trabalhada como forma de enriquecimento e ampliação do universo emocional e intelectual do aluno. Esse deve ser o resultado das leituras feitas no Ensino Fundamental e Médio.

Nesse sentido, a diversidade de gêneros literários é importante para a formação do leitor, para abrir o seu horizonte, para mostrar-lhe o que ele pode usufruir ao longo de sua vida, e não apenas durante os anos escolares. A escola é apenas o ponto de partida, e não o ponto de chegada.

Por isso, mesmo um livro escrito há vários séculos, como *D. Quixote*, permanece atual. Porque proporciona essa aventura intelectual, esse voo da imaginação. Não para alienar o leitor, mas para fazer com que ele, no fim da leitura, volte à sua realidade e a veja com outros olhos. O diálogo da obra com o mundo em que vive o aluno é fundamental para que a literatura exerça seu papel educativo.

Essa nova concepção de leitura e formação do leitor é fundamental para as escolas criarem seus projetos de leitura, isto é, a seleção de livros que os professores *devem ler junto* com os alunos. Podemos identificar o conceito de educação de uma escola com base nos livros que ela indica e nos livros que ela *não* indica.

Por isso, o mestre Antonio Candido dizia que o acesso à literatura deveria ser um direito básico do ser humano.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES DE APROFUNDAMENTO

Em **Atividades de aprofundamento**, são apresentadas propostas que permitem compreender o funcionamento contemporâneo das convenções literárias relacionadas à obra, apoiar a leitura crítica, criativa e propositiva para explorar as potencialidades da escrita literária com os estudantes. Nessa seção, indicam-se também produções contemporâneas de outros gêneros (literários ou não) que permitem um diálogo intertextual com diferentes aspectos da organização da expressão literária e sua articulação com a experiência individual e social.

1. LÍNGUA PORTUGUESA Provoque os estudantes perguntando a eles se um escritor de ficção é um mentiroso. Depois de ouvir a opinião deles, comece a desconstruir a imagem do senso comum que eles têm de um autor de ficção. Pergunte, problematizando o assunto: O que os escritores de ficção escrevem é de verdade ou de mentira? Por que acreditamos nas histórias que escrevem, sabendo que são de mentira? Por que precisamos sair da realidade e entrar no mundo da fantasia? Em meio a essas reflexões, peça que mencionem uma história de ficção de que gostaram – pode ser um romance, uma novela (literária ou de televisão), um filme, uma série, uma peça de teatro, uma HQ. Indague sobre que sentimento a história provocou neles. Em seguida, questione se o que sentiram era de verdade ou de mentira. A ideia é conduzi-los à percepção de que quanto mais um autor tiver o poder de nos fazer acreditar em uma verdade que sabemos ser de mentira, a ponto de nos emocionar (até às lágrimas, muitas vezes) ou de nos divertir, maior será o seu talento como ficcionista – ou como “mentiroso”. Por fim, pergunte se, ao final da leitura de *A máquina*, de Adriana Falcão, a autora conseguiu fazê-los acreditar na história que foi contada e por quê.

2. **LÍNGUA PORTUGUESA** Peça aos alunos que atentem para estes dois trechos da trama:

“No meio da praça agora tem um pé de caju que dá flor o ano todo, onde tinha a estação construíram um cinema, ali onde antes ficava a bica hoje tem até estátua de Antônio, só que com minha cara de antes”. (p. 73)

“Mais não posso contar, em parte porque só sei contar até aqui, em parte porque tenho que ir ali sossegar o coração de Karina, já vai bater meio-dia e esse Antônio que não chega?” (p. 75)

Após revisitarem os trechos, questione os alunos: O que eles têm em comum? Explique que em ambas as passagens há a manifestação do discurso indireto livre ou fluxo de pensamento. Questione-os: O que é um fluxo de pensamento? O que caracteriza o discurso indireto livre? Sugira aos estudantes que retomem esses conceitos, caso não se lembrem. Depois que eles se sentirem seguros para opinar, solicite que identifiquem pelo menos três trechos caracterizados pelo fluxo de pensamento em *A máquina* por meio do discurso indireto livre.

Amplie a reflexão trazendo a informação de que o fluxo de pensamento, uma das marcas da narrativa moderna, é um expediente literário muito útil para o narrador, pois, como ele, em geral, sabe o que se passa na mente dos personagens, também tem o controle do que mostrar e do que esconder do leitor, por meio de ambiguidades, de acordo com sua estratégia narrativa.

3. **LÍNGUA PORTUGUESA** Chame a atenção dos estudantes para a mudança de foco narrativo que há na página 73, quase no final da narrativa. Trata-se de um ótimo exercício para eles assimilarem a diferença entre as duas formas mais comuns de narrar uma história. Peça que identifiquem a natureza dessa mudança e o momento exato em que ocorre – ou seja, se ela ocorre de um parágrafo para o outro ou no meio de um deles. Em seguida, solicite que monitorem a história para saber se a mudança permanece até o final da narrativa ou se o antigo foco narrativo é retomado antes do desfecho.

4. **SOCIOLOGIA** Proponha aos alunos um trabalho com a obra *Morte e vida severina*, do poeta João Cabral de Melo Neto, um Auto de Natal publicado em 1956 que representa a vida sofrida dos retirantes no Nordeste brasileiro. Há várias possibilidades temáticas relacionadas à obra *A máquina* que podem ser trabalhadas em sala de aula.

Você pode pedir aos estudantes que assistam a alguns vídeos sobre a obra do poeta e, em seguida, promover um debate, a fim de discutir desde o conteúdo da obra, problematizando as consequências históricas, sociológicas, geográficas do que os alunos assistiram, até uma comparação entre as duas versões, a cinematográfica e a adaptação do poema para a animação em 3D. (Seria proveitoso que, previamente, os alunos lessem o poema de João Cabral antes de assistirem aos vídeos.)

Além disso, levante com os alunos as semelhanças e as diferenças entre o livro de Adriana Falcão e João Cabral de Melo Neto, quanto ao gênero textual, ao tema, à linguagem, à construção dos personagens e às condições sociais, históricas e geográficas levantadas no debate.

Morte e vida severina (série). Direção de Walter Avancini. Música de Chico Buarque. Rede Globo, 1981. Duração: 60min. Disponível em: <<http://mod.lk/morteevi>>.

Morte e vida severina (animação em 3D, preto e branco). Desenhos de Miguel Falcão. Direção de Afonso Serpa. Trilha sonora de Lucas Santtana. Duração: 56min. Disponível em: <<http://mod.lk/vidaseve>>.

PARA O ALUNO

OLIVROS ▽

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. (Companhia de Bolso)

Nessa obra, o escritor italiano Italo Calvino (nascido em Cuba, mas levado à Itália logo após o nascimento) comenta com aguda percepção alguns dos autores mais importantes da tradição literária do Ocidente, mesclando gosto pessoal com nomes fundamentais do cânone literário universal, como Balzac, Flaubert, Tolstói e Borges. Calvino ainda fornece subsídios para compreender a controversa indagação sobre por que uma obra é considerada um clássico e por que lê-la, em ensaios que começaram a ser escritos no início da década de 1980 até sua morte, em 1985.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

Último livro escrito por Clarice Lispector, *A hora da estrela* foi lançado pouco antes de sua morte, em 1977. A obra narra a história de Macabéa, uma nordestina solitária que migra para a cidade grande do Sudeste, onde trabalha como datilógrafa. Macabéa cumpre seu destino de migrante perdida em um meio que não é o seu, sozinha, vivendo sem saber por que e sem pensar no futuro nem sonhar com grandes conquistas.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

Cartografia da leitura elaborada por Ana Maria Machado, premiada escritora brasileira, que nesta obra apresenta aos jovens leitores um passeio apaixonado pelos textos clássicos da literatura universal.

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida severina*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2016. (Selo Alfaguara)

Publicado em 1956, este longo poema dá voz aos retirantes nordestinos e ao rio Capibaribe, por meio de versos duros e cortantes, como é característica do poeta. O texto de João Cabral também traz uma contundente crítica social, ao descrever a viagem de um sertanejo chamado Severino que sai em busca de melhores condições de vida, mas só encontra a morte em seu caminho.

SUASSUNA, Ariano. *O auto da Compadecida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

Peça teatral em forma de auto, em três atos, publicada em 1955 por Suassuna. O texto mescla elementos da tradição popular oral, do cordel, da comédia e tradições religiosas. Em 1962, o renomado crítico teatral Sábato Magaldi considerou essa peça "o texto mais popular do moderno teatro brasileiro".

OFILMES ▽

O show de Truman. (EUA, 1998) Comédia dramática. Direção de Peter Weir.
Duração: 1h43min.

O vendedor de seguros Truman Burbank leva uma vida simples com sua esposa, até o momento em que começa a estranhar sua cidade, seus amigos e até sua mulher. Após muitas desconfianças e algumas certezas, que vão sendo reveladas pouco a pouco, ele descobre que é monitorado o tempo todo por câmeras, que transmitem sua vida em rede nacional.

A máquina. (Brasil, 2006) Drama, romance.
Direção de João Falcão. Duração: 1h30min.

Versão cinematográfica que fala do amor entre Antônio e Karina, ele um rapaz romântico do interior do Nordeste que pensa em se casar com sua amada e constituir família, ela uma moça igualmente romântica que pensa em ir embora para se tornar estrela de televisão. Peça aos alunos que assistam ao filme buscando identificar as diferenças e semelhanças entre a passagem do livro para a tela do cinema. Existem passagens do livro que não se encontram no filme ou vice-versa? Os personagens do filme são como as que eles haviam imaginado? Por que isso acontece? Conduza uma conversa em sala de aula permitindo que os alunos compartilhem as suas experiências e reflexões em torno do texto e de sua adaptação para a linguagem cinematográfica.

○ CANÇÕES ▽

Parabelo, de Tom Zé e José Miguel Wisnik, na apresentação do grupo de dança Corpo.

Nesta canção, os músicos e compositores buscaram captar a essência do ritmo nordestino, impregnando-o de um tom mítico e épico, que o aproxima da literatura de cordel. Tudo muito bem realizado pelo Grupo Corpo em um espetáculo de dança cujos movimentos alegorizam a força e a pluralidade da cultura e da civilização nordestina.

Disponível em: <<http://mod.lk/parabelo>>.

Oração ao tempo, de Caetano Veloso.

Mistura de homenagem e oração em que o compositor conversa com o tempo, considerando todas as nuances dessa entidade conceitual tão banalizada no dia a dia, sem que perca a sua aura de mistério, que costuma fugir do alcance da nossa compreensão.

Disponível em: <<http://mod.lk/oracaoao>>.

O silêncio, de Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown.

Letra que remete ao início dos tempos, ao silêncio da aurora da humanidade, como se narrasse um tempo mítico em que as coisas começavam a fazer parte do mundo, e que, embalada pelo toque preciso do acordeão de Marcelo Jeneci, ganha contornos tipicamente nordestinos, dialogando com a atmosfera impregnada de encantamento, tecnologias e descobertas de *A máquina*.

Disponível em: <<http://mod.lk/osilenci>>.

Sobre o Tempo, com a banda Pato Fu.

A letra simula uma conversa com o tempo em linguagem adolescente, levando em conta aspectos característicos dele, como a passagem inexorável, a aparente intimidade que temos com o tempo (“tempo, tempo, tempo, mano velho...”) e o seu caráter finito para nós, humanos (“só me interrompa no final”).

Disponível em: <<http://mod.lk/sobreo>>.

Segue o seco, de Carlinhos Brown com Marisa Monte.

Letra que remete à seca do Nordeste, motivo pelo qual muitos moradores da região deixam o sertão e migram para outras cidades. A melodia se constrói em forma de lamento, de quase oração aos céus em busca de compreensão para tanta estiagem.

Disponível em: <<http://mod.lk/segueose>>.

Diáspora, do grupo Tribalistas.

Lançada em 2017, essa canção fala dos refugiados e imigrantes. Antes de ouvir a canção, peça aos estudantes que busquem no dicionário o significado da palavra diáspora. A canção pode ser ouvida coletivamente em sala de aula e ser tema de uma discussão sobre o assunto, incluindo a migração nordestina no Brasil. Inclui trecho de um poema de Castro Alves.

Disponível em: <<http://mod.lk/diaspora>>.

Televisão, com a banda Titãs.

Letra bem-humorada que brinca com aspectos que envolvem a influência da televisão na vida das pessoas, fazendo referência a alguns efeitos deletérios desse meio de comunicação, como a uniformização do pensamento, o vício que o veículo cria na rotina dos indivíduos e a vida sedentária que ele favorece. O refrão faz uso de metalinguagem ao remeter a um bordão humorístico ("Ô, Cride, fala pra mãe!"), popularizado nos anos 1960/1970 pelo humorista brasileiro Ronald Golias.

Disponível em: <<http://mod.lk/televisa>>.

REPORTAGENS ▽

AGUIAR, Priscilla. *Razões para amar o Nordeste e o povo nordestino*. *Folha de Pernambuco*, 9 out. 2018.

Nessa reportagem são elencados motivos pelos quais a região Nordeste pode ser admirada ou visitada, com seus muitos pontos turísticos, sua rica cultura e seu povo hospitaleiro, além do clima tropical.

Disponível em: <<http://mod.lk/razoes>>.

OLIVROS ▽

PARA O PROFESSOR

BLOOM, Harold. *Como e por que ler*. Trad. José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Neste livro, Harold Bloom, um dos principais críticos literários da atualidade, convida o leitor a uma saborosa viagem por grandes obras da literatura universal, como *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, *Crime e castigo*, de Dostoiévski, *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, *Hamlet*, de Shakespeare, entre muitas outras.

COSSON, Rildo. *Letramento literário – Teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

Obra voltada para professores que buscam fazer do letramento literário uma atividade significativa para si e para os estudantes. No livro, o autor e professor Rildo Cosson, do Departamento de Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mostra como reformular, fortalecer e ampliar o estímulo à leitura no ensino básico para além das práticas usuais. Ele também analisa a relação entre literatura e educação, propondo a construção de uma comunidade de leitores nas salas de aula e sugerindo oficinas para o professor adaptar seu trabalho ao letramento literário, orientando, assim, a produção de sequências de atividades com foco na leitura literária.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro, Rocco, 1986.

O antropólogo brasileiro Roberto DaMatta promove um encontro dos brasileiros com eles mesmos, naquilo que têm de mais genuíno e espontâneo, entre vícios e virtudes, qualidades e defeitos, em um verdadeiro inventário que nos mostra os fundamentos da nossa identidade.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Seis conferências de Umberto Eco ministradas na Universidade de Harvard, em 1993, sobre o texto de ficção, leitura, leitores e literatura.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

Pequena obra introdutória pelos caminhos da literatura que analisa a ficção e seus elementos constituintes.

MACHADO, Ana Maria. *Uma rede de casas encantadas*. São Paulo: Moderna, 2012.

Cinco ensaios em que a escritora Ana Maria Machado discorre sobre literatura, literatura infantojuvenil, poesia e o seu processo de criação literária com base em sua trajetória de mais de cinco décadas como escritora, educadora, intelectual e jornalista.

ENSaios ▽

MACÊDO, Gabriel F. Cavalcanti de; VIEIRA, Nadja Maria. A experiência da unidade espaço-tempo na literatura e na psicologia. *Bakhtiniana*. São Paulo, n. 1, p. 119-136. jan./abr. 2015.

Neste ensaio, defende-se o argumento de que a configuração do conceito bakhtiniano de cronotopo, ou seja, a relação entre tempo e espaço, potencializa a obra literária como metáfora para experimentar a vida cotidiana. Cita-se o exemplo do autor-personagem do *Livro do desassossego*, de Fernando Pessoa, e a dificuldade do poeta português para negociar as posições de figura e fundo no seu pensamento.

OFILMES ▽

Kenoma. (Brasil, 1998) Comédia dramática.
Direção de Eliane Caffé. Duração: 1h49min.

Em um pequeno povoado primitivo, perdido no mapa, habitado por trabalhadores rurais, garimpeiros e pequenos comerciantes, Jonas é o forasteiro que chega e resolve ficar na localidade, atraído pela jovem e bela Tari. Lá também vive Lineu, um homem obcecado pelo sonho de instalar em Kenoma a primeira máquina autossuficiente, o moto-perpétuo, uma máquina capaz de produzir continuamente, sem necessidade de combustível. Lineu sofre, porém, o assédio de Gerônimo, dono do moinho em que trabalha e maior proprietário da região, que se opõe a invenção, por consumir boa parte da energia da propriedade. O filme mostra o imaginário dos lugares recônditos do Brasil, como tantos que existem, ao mesmo tempo que revela o jogo de interesses que envolve seus moradores.

Disponível em: <<http://mod.lk/kenoma>>.

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. Tradução do grego e do latim de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2014.

Coletânea de obras clássicas que estão na origem dos estudos literários sobre a ficção e seus elementos de composição.

CANDIDO, Antonio *et al.* *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, s.d. (Série Debates: Literatura)

Ensaio de Antonio Candido, Anatol Rosenfeld, Décio de Almeida Prado e Paulo Emílio Salles Gomes, importantes nomes na formação de sucessivas gerações de estudantes de Letras e de Artes. A obra traz atualidade nas análises e na discussão crítica das modernas leituras estéticas, que tocam campos do saber como a linguística e a filosofia, entre outros.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

O que é um círculo de leitura? É um grupo de pessoas que se reúne com o objetivo de discutir a leitura de uma obra em um lugar qualquer – na escola, na biblioteca, em cafés ou livrarias, na casa de amigos e até mesmo em discussões *on-line*. Nesta obra, Rildo Cosson, professor na área de Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), apresenta uma proposta de organização e de funcionamento de um círculo de leitura. Ele orienta e fornece embasamento para a criação de atividades que possam auxiliar educadores e leitores, ampliando a grande diversidade de interesses que existe na atividade de leitura, e convida o leitor a formar o seu próprio círculo de leitura.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. *Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa*. 18. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

Estudiosa das questões que envolvem a interdisciplinaridade desde os anos 1970, formada pela USP, mestre em filosofia da educação pela

PUC-SP e doutora em antropologia cultural pela USP, a professora Ivani Fazenda acredita que, “ao buscar um saber mais integrado e livre, a interdisciplinaridade conduz a uma metamorfose que pode alterar completamente o curso dos fatos em Educação; pode transformar o sombrio em brilhante e alegre, o tímido em audaz e arrogante e a esperança em possibilidade”.

JOUVE, Vincent. *Por que estudar literatura?* Trad. Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012. (Coleção Teoria Literária)

Obra dirigida aos pesquisadores em teoria literária e da arte, aos professores e estudantes de literatura e a todos os amantes da literatura. Discorre sobre a arte literária e seus elementos de formação.

LONTRA, Hilda Orquídea H. (org.). *Histórias de leitores*. Brasília: Editora Universidade de Brasília/Oficina Editorial do Instituto de Letras UnB, 2006.

Obra que reúne textos que tratam do processo de constituição da identidade pela leitura, recuperando vivências permeadas de afetividade que têm em comum o resgate do prazer do convívio com os textos literários.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura*. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

Ler é quase sempre uma atividade solitária, que implica, paradoxalmente, uma abertura para o outro. Nesta obra, a antropóloga Michèle Petit discorre sobre as múltiplas dimensões envolvidas na experiência da leitura.

RODRIGUES, Sérgio. *O homem que matou o escritor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. (Selo Objetiva)

A obra parte da premissa de que, se todas as histórias do mundo já foram escritas, é hora de “matar o escritor”. Por meio de seus requintados contos, o autor sugere as novas tendências literárias do século XXI (a obra foi lançada no ano 2000): “vertiginosa como a vida urbana; afiada como uma memória RAM; reflexiva, como esses dias de cão; chula e erudita, dominando todas as situações; humorada, porque

sem a graça a vida é muito chata”. Embora composto por contos, o livro de Sérgio Rodrigues pode ser enquadrado em várias outras categorias, como policial, metalinguístico, drama, comédia e farsa.

ROSENFELD, Anatol. *Texto/Contexto I*. São Paulo, Perspectiva, 1996. (Série Debates: Crítica)

Com base no tema da ambiguidade humana, Anatol Rosenfeld, um dos maiores críticos brasileiros, revela as conexões entre a literatura, o teatro, a poesia, o cinema e a pintura, estabelecendo painéis críticos que ainda hoje impressionam por sua originalidade e inovação.

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1997. (Série Princípios).

Nesta obra introdutória ao tema, a professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Angélica Soares retoma a discussão iniciada por Platão e Aristóteles na Antiguidade grega sobre os gêneros literários e a natureza da obra literária, seja ela a epopeia, o conto, a crônica, o ensaio, a novela, perpassando as formas dramáticas (tragédia, comédia e drama) e contemplando as recentes rupturas de paradigma trazidas pelo advento do pensamento pós-moderno nas letras e nas artes.

TERZI, Sylvia Bueno. *A construção da leitura – Uma experiência com crianças de meios iletrados*. Campinas, SP: Pontes; Editora da Unicamp, 1995.

A autora relativiza a ideia de que toda criança, ao chegar à escola, já traz consigo um conhecimento

sobre a escrita – segundo ela, é preciso considerar a sua origem familiar e social e modular o aprendizado e a construção da leitura.

TEZZA, Cristóvão. *O espírito da prosa – Uma autobiografia literária*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

Cristóvão Tezza, romancista e ensaísta brasileiro contemporâneo, faz nessa obra uma autobiografia com foco em sua formação como escritor e nas subjetividades que cercam o ofício de escrever.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 3. ed. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

Todorov faz a crítica do ensino de literatura na atualidade, baseado no formalismo-estruturalismo, ao mesmo tempo que defende a leitura e a literatura como campos de aprendizado e de formação humana.

WOOD, James. *Como funciona a ficção*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2017.

Professor de crítica literária na Universidade de Harvard e conhecido por seus brilhantes ensaios na revista *The New Yorker*, nesta obra, o inglês James Wood (radicado desde os anos 1990 nos Estados Unidos) esmiúça os meandros da ficção e questiona os limites entre artifício e verossimilhança, entre outros elementos fundamentais do texto ficcional.

(Todos os links de páginas da internet presentes neste material foram acessados em 10 nov. 2020).